



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 2, CRATO – CE, AGOSTO DE 2026 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: ACEITO EM: - SEÇÃO 1: ARTIGOS

O DIVINO EM PERSPECTIVA: ÉTICA, FILOSOFIA E COSMOVISÃO NO ENCONTRO ENTRE O MONOTEÍSMO CRISTÃO E O POLITEÍSMO ASTECA

The divine in perspective: ethics, philosophy and worldview in the encounter between christian monotheism and aztec polytheism

Marcelo Augusto Cunha de França¹

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6318687908401825>

DOI: <https://doi.org/10.58882/clq.v10i2.236>

RESUMO: Este artigo analisa o encontro entre o monoteísmo cristão e o politeísmo asteca, considerando a complexidade da cosmovisão dos antigos mexicanos e sua menor repercussão acadêmica em comparação com mitologias europeias. O trabalho discute as principais diferenças filosóficas entre monoteísmo e politeísmo a partir do universo asteca, destacando a relação entre mito, rito e ordem na construção religiosa mesoamericana. Por fim, serão trabalhados os dilemas filosóficos presentes na espiritualidade mesoamericana, como liberdade, fatalismo e ordem. A pesquisa segue uma metodologia expositiva-comparativa, dialogando com fontes primárias e autores centrais no campo dos estudos das religiões, buscando contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre a mitologia asteca.

PALAVRAS-CHAVE: Asteca; Cristianismo; Mesoamericano; Monoteísmo; Politeísmo.

ABSTRACT: This article analyzes the encounter between Christian monotheism and Aztec polytheism, considering the complexity of the ancient Mexican worldview and its lesser academic impact in comparison with European mythologies. The study discusses the main philosophical differences between monotheism and polytheism from the perspective of the Aztec universe, focusing on the relationship between myth, ritual, and order in the Mesoamerican religious construction. Finally, the philosophical dilemmas present in Mesoamerican spirituality will be examined, such as freedom, fatalism, and order. The research follows an expository-comparative methodology, engaging with primary sources and leading authors in the field of religious studies, seeking to contribute to the development of studies on Aztec mythology.

KEYWORDS: Aztec; Christianity; Mesoamerican; Monotheism; Polytheism.

¹ Possui graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá (2024) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2021). É especialista em Ensino Religioso, Teologia e Ciências Humanas Aplicadas. Atualmente, atua como freelancer na produção de vídeos educacionais para o SAS Plataforma de Educação. Desde 2025, é professor concursado de Ensino Religioso na Prefeitura de Caucaia. Além disso, leciona Filosofia no Ensino Médio como professor substituto do Estado do Ceará. Desde 2022, também exerce o cargo de professor de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental II na Prefeitura Municipal de Fortaleza



ESTA OBRA ESTÁ LICENCIADA SOB UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY 4.0

INTRODUÇÃO

A expansão do cristianismo trouxe novos desafios para os cristãos e, conseqüentemente, para os povos convertidos. Cada povo tinha os seus mitos, histórias e tradições e, após as conversões, colocava-se imposto o destino dessa “herança cultural”. Nesse sentido, os intelectuais cristãos buscaram caminhos para assimilar elementos do paganismo que não entrasse em choque com os valores da fé. Kristeller (1954) argumenta que tanto na Idade Média quanto no Renascimento, a literatura grega e, especialmente a romana eram usadas para formação intelectual e moral de padres e monges.

Pode-se afirmar que o encontro entre o monoteísmo cristão e o politeísmo, neste artigo exemplificado no universo asteca, não foi um encontro apenas moral ou intelectual. Conforme aponta Townsend (2024), a religiosidade dos antigos mexicanos era complexa, unindo mito, rito e ordem. Assim, como será argumentado neste artigo, o monoteísmo e o politeísmo são fundamentados por estruturas metafísicas e filosóficas diferentes, começando pela própria ideia de divindade.

O artigo abordará o impacto do contato entre a cosmovisão asteca e a cristã, analisando os desafios filosóficos dos conceitos de monoteísmo e politeísmo. Por fim, também será trabalhada a própria mitologia asteca, apresentando as características dos deuses e os seus dilemas filosóficos, a saber, se a religião asteca pode ser compreendida como fatalista; se o sacrifício dos mesoamericanos era pura barbárie ou se havia algo de espiritual no interior dessa prática; e se, na cosmovisão asteca, o homem era livre ou predestinado pelos deuses. Essas e outras perguntas serão respondidas neste artigo, seguindo uma metodologia que dialoga com as principais fontes sobre o assunto, além de lançar luz sobre esse tema bastante complexo, mas longe de ser explorado até o seu esgotamento.



**A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ASTECA: DESAFIOS HISTÓRICOS,
CONTROVÉRSIAS INTERPRETATIVAS E NOVAS ABORDAGENS**

A palavra “asteca” foi bastante usada desde os séculos XVIII e XIX para designar os povos do antigo México (Townsend, 2024). No entanto, essa nomenclatura não partiu dos povos mesoamericanos, povo algum se autodenominava asteca. A criação desse adjetivo nasceu da interpretação de alguns documentos que “se referia a pessoas que supostamente viviam na mítica pátria ancestral dos mexicas, chamada de *Aztlán*” (Townsend, 2024, p. 19).

Nesse contexto, o termo asteca foi utilizado para se referir aos mexicas, povos originários da região. O grande desafio em relação aos estudos dos mesoamericanos é entender o motivo desse adjetivo ter ganhado grande destaque, sendo que não foi utilizado nem pelos astecas, nem pelos colonizadores.

De acordo com a Camilla Townsend (2024), a palavra “mexica” tinha se tornado um adjetivo para se referir à capital dos colonos e, conseqüentemente, a toda extensão daquilo que agora é conhecido como “Nova Espanha”. Em seguida, a partir da independência do povo mexicano, o termo acabou sendo incorporado ao nome formal do país sendo agora chamado de Estados Unidos do México (Townsend, 2024).

Dessa forma, o primeiro desafio epistêmico que todo trabalho deve se propor a enfrentar é: qual é o limite do conceito “asteca”? Este trabalho seguirá a interpretação de Camilla Townsend (2024, p. 20) que define o conceito: “a palavra asteca designa todos aqueles povos de língua náuatle que vivia na bacia central do México ou em suas imediações e que interagiam entre si regularmente nos dois séculos anteriores ao contato com os europeus”.



UNICIDADE E DUALIDADE: O POLITEÍSMO COMO UM PROBLEMA FILOSÓFICO PARA COSMOVISÃO MONOTEÍSTA

A sociedade asteca era complexa aos olhos dos colonizadores e não poderia ser diferente em relação à sua religião. De maneira geral, os mexicas tinham a reputação de serem os indígenas mais religiosos da região (Soustelle, 2002). Ainda que a estrutura religiosa dos astecas tenha nascido de uma interpretação sobre o cosmos, seu imaginário foi enriquecido à medida que se relacionava com outras tribos da região.

Historicamente, a religião asteca pode ser classificada como politeísta, conforme relatos dos missionários cristãos, estritamente politeísta no sentido do termo; no entanto, para os antigos mexicanos, a realidade não era exatamente multifacetada a ponto de os deuses serem essencialmente diferentes entre si. Em outras palavras, a religião asteca era uma união entre politeísmo e o panteísmo monista (Townsend, 2024).

Essa dificuldade de compreensão da cosmovisão dos antigos mexicanos decorreu do posicionamento do monoteísmo de orientação judaico-cristã dos colonizadores em relação às outras religiões. Em síntese, para entender a relação entre os deuses e os homens no politeísmo, é necessário, antes de tudo, examinar a construção histórica do monoteísmo, antítese do pensamento politeísta.

Entre as religiões monoteístas abraâmicas, a primeira da história, no sentido ético, histórico e normativo, é o judaísmo (Neto, 2021). De acordo com a tradição judaica, Deus, chamado de Javé, revelou-se a Abraão prometendo-lhe que seria pai de muitas nações (Neto, 2021); em virtude dessa promessa, o patriarca Abraão saiu de sua parentela e foi em direção à terra prometida por Deus, aspirando contemplar sua descendência tornar-se uma grande nação (Bíblia, 2017, Gn 12).

Em resumo, a história de Abraão funda a fé monoteísta, pois dele sairão outros patriarcas e a formação do povo de Israel pelas doze tribos (Bíblia, 2017,





Gen. 49). Pode-se dizer que a promessa abraâmica é tão impactante que é o elo comum entre as três religiões monoteístas, sendo lembrada em cada uma delas².

Nesse contexto, precisamos analisar as características particulares do monoteísmo e o que o diferencia do politeísmo. Na perspectiva monoteísta, só existe um Deus, Criador e Senhor de todas as coisas, perfeito e imutável. Deus é um ser pessoal, ou seja, dotado de vontade (McGrath, 2005).

A personalidade de Deus é bastante complexa e motivo de discussões academicamente, conforme Mircea Eliade afirma (2022, p. 89) “a personalidade de Javé e sua história religiosa são demasiadamente complexas para que possamos resumir-las em poucas linhas.”.

Comparada aos deuses do politeísmo, a figura do Deus de Israel passa por um processo de desenvolvimento, ou reflexão teológica, fruto da relação entre os judeus e sua religiosidade. No Antigo Testamento, Javé se manifesta de várias maneiras, por meio de hierofanias celestes, seja no trovão, na tempestade ou mesmo no fogo (Eliade, 2022).

O grande atributo reafirmado em Javé, e acolhido pelas demais religiões monoteístas, é a ideia de que Deus é poderoso, ou seja, nada há parecido ou semelhante a ele. Conforme explica Eliade (2022, p. 90): “O Senhor é o verdadeiro e único dono do cosmos. Pode fazer tudo, aniquilar tudo. Seu ‘poder’ é absoluto, e por isso sua liberdade também não conhece limites”.

2 É importante salientar que, assim como os cristãos, os muçulmanos reconhecem todos os eventos do Antigo Testamento, dando honra e respeito à figura dos patriarcas e profetas. No Alcorão, especificamente, há relatos que corroboram com os relatos das Escrituras Sagradas. Algumas vezes, o livro sagrado do Islamismo repete histórias do Antigo Testamento, adicionando certas informações retiradas das tradições orais de povos dissidentes do judaísmo e cristianismo com os quais Maomé teve contato no período da redação do Alcorão. Cf. Filho (2021).



Dessa forma, o Deus do monoteísmo revela-se na história segundo sua vontade, ele manifesta seus planos ao povo utilizando-se de figuras importantes, estabelecendo uma relação entre ele e a humanidade.

Por conseguinte, no monoteísmo, sendo esse Deus pessoal, ele deseja relacionar-se com sua criação dentro de um paradigma paternal³. Em outras palavras, todas as coisas foram criadas por ele, e é seu desejo se aproximar da sua criação, elevando-a espiritualmente, mesmo com falhas ocasionadas pelo pecado (Agostinho, 2017).

Em síntese, as religiões monoteístas afirmam a existência de um Deus Criador e de uma realidade criada, que é totalmente diferente dele, não sendo emanada, nem gerada, mas criada conforme a sua vontade soberana. Assim, como resume o filósofo Agostinho (2017), o homem foi criado a partir do nada, pela vontade divina foi retirado do “não-ser” para tornar-se “ser”.

Essa doutrina da criação, conhecida por *ex nihilo*, tem implicações filosóficas profundas para a cosmovisão monoteísta. Fundamentado nela, o monoteísmo formula uma visão de divindade que ultrapassa crenças politeístas e nacionalistas, de acordo com a seguinte premissa repetida por Moisés e os profetas: se existe um único Criador no mundo, qualquer outra divindade que possa ser adorada ou é uma criatura disfarçada de criador, ou é produto da idolatria humana (Bíblia, 2017, Êx 20).

Logo, confessar a existência de um único Deus não permite a possibilidade de seres divinos e plurais, conforme explica Koehler:

3 “Para os primeiros escritores cristãos, a palavra ‘pessoa’ expressava a individualidade do ser humano, vista por intermédio de suas palavras e ações [...] A noção de ‘individualidade’ não evoca a ideia de relacionamento social, ao passo que a noção de ‘personalidade’ está relacionada ao papel desempenhado pelo indivíduo em uma rede de relacionamentos, por meio do qual esse indivíduo diferencia-se dos outros. Portanto, a ideia básica que se expressava por intermédio da noção de “um Deus pessoal” era a de um Deus com o qual podemos nos relacionar, da mesma forma como nos relacionamentos com outro ser humano” (McGrath, 2005, p. 319).

A Bíblia ensina um monoteísmo estrito e exclui definidamente qualquer forma de dualismo e politeísmo. O dualismo ensina a existência de dois seres superiores mutuamente hostis, um deles representando tudo o que é moralmente bom e benéfico ao ser humano, enquanto o outro é a fonte de todo pecado e mal. O politeísmo é a crença em mais de um Deus, tal como se vê na religião dos antigos gregos e romanos. Tanto o dualismo como o politeísmo virtualmente destroem o conceito de Deus como sendo a mais alta essência. (Koehler, 2015, p. 35).

Consequentemente, não há espaço para o dualismo substancial⁴, pois Deus é único e nada rivaliza com seu poder. No entanto, o monoteísmo nunca foi estático; ao contrário, as religiões monoteístas assimilaram elementos culturais e filosóficos de outros povos, especialmente o cristianismo, que recepcionou conceitos filosóficos, e os integrou à construção da teológica⁵.

Deve-se ressaltar que esse processo de assimilação foi essencial para o desenvolvimento religioso, permitindo que a crença monoteísta passasse de uma cosmovisão tribal a uma crença universal, capaz de ser abraçada por outros povos e nações⁶.

O segundo ponto importante no monoteísmo é a ideia de perfeição divina. Deus é o único Ser Todo-Poderoso; por necessidade, deve ser perfeito em todos os atributos. Logo, nele não há qualidade considerada demasiadamente humana; e qualquer qualidade humana parecida ele explica-se a pela crença de que o homem é à imagem e semelhança divina (Koehler, 2015).

4 Doutrina filosófica que afirma a existência de duas forças independentes que lutam entre si, escolas semelhantes apareceram no decorrer da tradição filosófica, como, por exemplo, o maniqueísmo. Cf. Agostinho (2017).

5 O cristianismo historicamente apropriou-se de escolas filosóficas, como: platonismo, estoicismo e o aristotelismo. Os cristãos sempre confessaram a ideia de revelação natural, permitindo que trabalhassem com os conhecimentos produzidos pelos pagãos pra fins evangelísticos. Cf. Boehner; Gilson (2012).

6 Conforme afirma o pesquisador Daniel Branco (2023, p. 6-7): “El cristianismo no es una religión de la ley, como lo son el judaísmo y el islam. Tampoco es una religión sincrética, como el politeísmo. En fenómeno cristiano une lo que puede ser unido en estos dos grandes tipos de civilización. Para el cristianismo, la ley culmina en Cristo. La encarnación ontológica del Verbo es tanto el eschaton del hebraísmo como una interpretación única del Antiguo Testamento, proporcionada por Cristo y los apóstoles, que difere de la interpretación legalista judía [...] Al mismo tiempo, los cristianos, a pesar de rechazar la licenciosidad del multiculturalismo, enfatizan la realidad de la ley natural como una especie de unidad metafísica mediada por la naturaleza, que es susceptible de ser conocida por todos los pueblos (Rom 1-2). Por eso, los primeros cristianos podían, paradójicamente, criticar la degeneración de los mitos paganos y ser influenciados por sus filósofos”.





Por fim, como terceira característica do monoteísmo, encontra-se a relação entre fé e história. Em suma, para os adeptos das religiões monoteístas, a revelação divina aconteceu na história e pode ser comprovada historicamente; ou seja, os personagens citados nas Escrituras Sagradas são considerados reais, tendo existido e convivido com outras pessoas reais (McGrath, 2005).

Portanto, nenhuma figura citada nos textos sagrados, seja pessoa ou lugar, pode ser compreendida alegoricamente⁷. Os eventos relatados nas Escrituras são inegociáveis, sendo motivo de embates entre as religiões do livro⁸. É nesse “pano de fundo” que se encontra os limites e as implicações filosóficas apresentadas pelo monoteísmo.

Em análise comparativa, encontra-se o politeísmo, forma de crença dos astecas. Este trabalho segue a definição de politeísmo segundo a interpretação de Tatiana Machado (2021, p. 5): “politeísmo é um termo guarda-chuva utilizado para indicar todas as crenças que se desenvolvem em torno de um panteão, ou seja, em torno de múltiplos deuses”.

Essa forma de crença era popular no mundo antigo, pode-se dizer que praticamente cada povo tinha seu próprio panteão de deuses. O politeísmo apresenta uma perspectiva distinta da cosmovisão monoteísta, por exemplo, os deuses eram apresentados como personificações de funções, domínios ou aspectos específicos da vida e da natureza (York, 2013).

7 As tradições monoteístas desenvolveram métodos alegóricos para interpretar o texto sagrado. Contudo, esse alegorismo não se coloca em oposição ao literalismo bíblico. Segundo as tradições monoteístas, o texto sagrado carrega várias camadas espirituais que podem ser alcançadas pelo leitor espiritualmente desenvolvido e instruído. Na tradição cristã, destaca-se o método alegórico de Orígenes de Alexandria, que influenciou uma geração de teólogos cristãos; já na tradição judaica, destaca-se o método alegórico cabalístico, que trabalha toda a estrutura gramatical e numeral do hebraico em interpretações esotéricas. Cf. Boehner; Gilson (2012); Scholem (2000).

8 O Islamismo e o Cristianismo são exemplos de religiões que disputam a veracidade histórica sobre certos eventos relatados nas Escrituras Sagradas. Jesus Cristo, por exemplo, é considerado o Messias tanto no islamismo quanto no cristianismo. Contudo, o islamismo nega a veracidade de muitas passagens do Evangelho, especialmente aquelas que apontam para divindade de Jesus Cristo. Além disso, o islã não confessa que Jesus morreu numa Cruz; essa religião afirma que ele foi preservado por Alá e um dia voltará para reinar sobre a terra. Cf. Filho (2021).

Em outras palavras, eram personificações de atributos da natureza, ou de qualidades e virtudes humanas essenciais para a compreensão da realidade (York, 2013). Nas religiões politeístas, os deuses podem ser representados de três maneiras, conforme explica a pesquisadora Tatiana Machado:

Nas religiões em que existem deuses, estes podem ser representados de três formas diferentes [...] A primeira representação é feita sob a forma de homem (pense em Zeus ou Odin); esses são os deuses antropomórficos. A segunda é feita sob a forma de animais, os deuses zoomórficos, como o touro Ápis, no Egito. Por fim, existem aqueles deuses, como o assírio Sedu, que não estão nem lá, nem cá, são seres humanos e animais: são os deuses antrozoomórficos (Boulhosa, 2021, p. 9)

Historicamente, o politeísmo foi associado ao pluralismo e, em certa leitura vulgar, na perspectiva de alguns apologistas, a diferença em relação ao monoteísmo seria somente a quantidade de divindades. Contudo, conforme o pesquisador Michael York (2013) revela, a principal distinção entre o monoteísmo e o politeísmo está relacionado à natureza divina. Ou seja, no cristianismo, por exemplo, conforme exposto nos parágrafos anteriores, Deus é completamente transcendente; na visão politeísta, a divindade é imanente (York, 2013).

A espiritualidade politeísta é corporal ou panteísta, a natureza se confunde com o divino. Assim, não há problemas em representar a divindade por meio de elementos exteriores, isto é, objetos, lugares ou pessoas, pois ela se manifesta de múltiplas maneiras, não ficando restrita a gênero ou forma (York, 2013). Dessa maneira, na ótica “pagã”, não há contradição alguma em adorar a criação, porque a divindade está unida a ela tornando-se uma coisa só (Paper, 2005).

Compreendendo-se essa perspectiva sobre a natureza e a divindade, é possível analisar com profundidade o papel dos deuses nesse universo religioso. De acordo com Michael York, os deuses são humanos, isto é, na figura dos deuses há um reconhecimento da relação entre a natureza divindade e a humanidade:



143

Em um sentido profundo, os deuses pagãos são humanos. Suas qualidades super-humanas, quaisquer que sejam ou simbolizem, são secundárias em relação à sua natureza essencialmente humana. É através dessa compreensão antropomórfica da divindade que o paganismo afirma seu reconhecimento da conexão fundamental entre a humanidade e os deuses (York, 2003, p. 25, tradução nossa)⁹.

Nas religiões politeístas, a conexão entre o ser humano e a divindade é profunda e, para concretizá-la, há inúmeras práticas que auxiliam nesse processo de união. Pode-se afirmar que o universo politeísta é animado, isto é, cada elemento da natureza, átomo, ou coisa existente, aponta para o divino. Nesse contexto, no interior dessa crença, encontram-se características espirituais próprias como: divindades masculinas e femininas, práticas mágicas, ênfase na eficácia dos rituais e codependência entre deuses e homens (York, 2013).

O segundo aspecto relevante ao politeísmo, em contraste com o monoteísmo bíblico, é a falta de preocupação com a precisão histórica, ou seja, a historicidade não constitui como eixo fundamental da experiência religiosa; ao contrário do monoteísmo, não há um conceito de revelação divina que penetra no interior da história humana (York, 2013). Assim, os mitos são explicações simbólicas da experiência de um determinado povo em relação à sua realidade; e a realidade de cada povo está unida à realidade dos seus deuses.

Desse modo, os mitos não se apresentam como histórias reais, mas como parte de uma história imemorável. Resumindo em uma proposição: no monoteísmo, Deus entra na história; no politeísmo, os homens são levados ao universo a-histórico dos deuses.

O terceiro aspecto e, provavelmente, o mais determinante no imaginário asteca, que veremos a seguir, é a ideia de “imortalidade dos deuses”. Na visão

9 “In a profound sense, pagan gods are human. Their superhuman qualities, whatever they may be or symbolize, are secondary to their essential human nature. It is through this anthropomorphic understanding of the godhead that paganism affirms its recognition of the fundamental affinity between humanity and its gods.”





politeísta, os deuses são imortais, mas não no sentido absoluto, como é apresentado na figura do Deus da Bíblia.

Na perspectiva politeísta, os deuses são feridos ou, algumas vezes, completamente derrotados (Boulhosa, 2021). À semelhança dos mitos astecas, analisados no próximo tópico, os deuses se sacrificam e, por vezes, desaparecem, representando o final de um período histórico, até reaparecerem em outro momento específico da história¹⁰.

A mortalidade dos deuses também se associa à questão ética. Nos mitos, os deuses não são perfeitos, eles cometem erros e, às vezes são, caprichosos. De forma geral, relatos semelhantes são encontrados em inúmeras tradições religiosas do mundo antigo. Para além dos mitos gregos, que foram duramente criticados pelos filósofos gregos (Reale, 2004), cite-se, por exemplo, Iemanjá, na mitologia iorubá, punindo a humanidade com um dilúvio, por não ser mais adorada pelos homens e relacionando-se sexualmente com um de seus filhos, movida por forte desejo sexual (Prandi, 2001).

Logo, analisar a cosmovisão politeísta implica reconhecer uma espiritualidade distinta das religiões monoteístas e, conseqüentemente, uma forma própria de valores e princípios. Como se verá no próximo tópico, o universo asteca apresenta os elementos politeístas, enfatizando alguns em detrimento de outros.

OS MITOS ASTECAS: UMA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A SUA PRÓPRIA TERRA

Para fins expositivos, a análise da mitologia se inicia pela apresentação de seus deuses. Em sua mitologia, encontra-se um enorme panteão de deuses e

10 Curiosamente, encontram-se em inúmeros mitos a ideia do retorno dos deuses. Alguns povos esperavam o retorno dos seus deuses em certo momento histórico. Os hindus, por exemplo, afirmam que estamos vivendo o período do *Kali Yuga*, período de decadência espiritual, no qual os deuses estão ocultos da humanidade. Esse período será superado quando um novo avatar de Vishnu aparecer para encerrar o período de decadência. Cf. Usarksi (2021).

deusas. Os deuses astecas incorporavam os princípios fundamentais da cultura dos antigos mexicanos: o dualismo, a conexão entre o homem e o divino e o ambiente cultural (Townsend, 2024).

Embora a religião asteca seja descrita como bastante complexa, há certas interpretações que apontam um “monoteísmo” ou um “henoteísmo teórico”¹¹ no interior da religião, permitindo a possibilidade de afirmar o protagonismo de *Ometeotl* como a principal divindade do panteão:

Poetas e filósofos astecas, por exemplo, atribuíram muitos epítetos a *Ometeotl*, o Senhor da Dualidade: *Ipalnemoani*, “o doador da vida”; *Tloque Nahuaque*, “aquele que está em toda parte” ou “sempre presente”; *Moyocoyani*, “aquele que age por si mesmo com toda liberdade” ou “aquele que se inventa a si próprio” (Aguilar-Moreno, 2006 p. 145, tradução nossa)¹².



146

Na cosmovisão asteca, existia um certo grau de proximidade ou distância entre os deuses e a humanidade, pois para contatar os deuses mais poderosos era necessário a intervenção de divindades auxiliares para intermediar essa relação (Aguilar-Moreno, 2006)¹³.

Segundo Aguilar-Moreno (2006), assim, como em boa parte das mitologias do mundo antigo, os deuses astecas eram poderosos, mas limitados e moralmente

11 Em síntese, o henoteísmo é uma forma de crença que afirma a existência de uma divindade suprema sem negar a existência de outras divindades. Porém, essa divindade não compartilha da mesma natureza dos demais deuses, sendo superior em poder, glória e influência. Em algumas mitologias, por exemplo, na tradição iorubá, temos a figura de Olodumarê, divindade suprema e pai dos orixás. Em alguns mitos, conta-se que ele criou todas as coisas e confiou o governo do universo nas mãos dos Orixás. Cf. Prandi (2001).

12 “Aztec poets and philosophers, for example, bestowed many epithets on the primordial god Ometeotl, the Lord of Duality: Ipalnemoani, “the giver of life”; Tloque Nahuaque, “the one that is everywhere” or “the ever present”; Moyocoyani, “the one that acts by itself with absolute freedom” or “the one who invents himself”.

13 Mircea Eliade na sua obra *Tratado de história das religiões* lembra que essa relação de proximidade e distância entre o homem e o sagrado se manifesta em diversas religiões ao redor do mundo. Na maioria das vezes, a divindade mais distante era também a mais poderosa. Em alguns povos, essa divindade superior não era representada, nem invocada, como se a sua existência fosse completamente superior à esta realidade, tornando necessária a mediação de seres intermediários para auxiliar nesse contato.



imperfeitos, sendo movidos por caprichos e paixões e, conseqüentemente, sujeitos a ferimentos, mutilações, debilidade e até mesmo à morte¹⁴.

Os mexicas consideravam *Ometeotl* como sendo tanto o pai (*Ometecuhtli*) quanto a mãe (*Omecihuatl*) dos demais deuses, adorado como a divindade, ou as divindades, que nutriam a humanidade. A religião asteca unia politeísmo e sincretismo, e a própria formação do seu panteão tornou-se possível por meio da conquista de outros povos (Soustelle, 2002).

Em resumo, à medida que os astecas conquistavam um povo, assimilavam a religiosidade dos povos conquistados. Por isso, na mitologia do povo asteca encontra-se uma variedade de deuses que serviam como representantes de feiticeiros, caçadores, nômades, soldados, agricultores e pescadores (Soustelle, 2002).

Os deuses astecas eram antropomórficos, relacionados entre si por laços de parentesco¹⁵. Os deuses residiam em diferentes níveis do céu e do submundo, além de habitar lugares específicos na terra. Aguilar-Moreno (2006) afirma que, quando invocados, manifestavam-se instantaneamente em diversos locais, podendo visitar os seres humanos de várias formas: sonhos, visões ou disfarçados de animais.

Para compreender o universo dos deuses, é necessário investigar como os astecas entendiam a divisão e a organização do mundo. De acordo com a cosmologia dos antigos mexicanos, o universo era estruturado em camadas,

14 Uma observação importante que frequentemente passa despercebida na análise do politeísmo é o conceito de divindade. Na ótica politeísta, esse conceito é bastante amplo, podendo ser utilizado para outros seres que não são necessariamente deuses por natureza. Nesse contexto, deve-se analisar o papel das “entidades”, isto é, seres espirituais, superior dos humanos, mas inferiores aos deuses. Em algumas mitologias, o lugar dessas entidades é delimitado; em outras, nem tanto. No caso dos astecas, essa ambigüidade exemplifica a dificuldade dos missionários na compreensão da cosmovisão mesoamericana. Para os antigos mexicanos, existiam divindades que se aproximavam mais da descrição de seres intermediários. No entanto, isso não diminui a importância dessas divindades, mas evidencia os desafios interpretativos relacionados na investigação dessa religião. Cf. York (2013).

15 Na religião oficial asteca, encontram-se 144 divindades. Desse total, 66% correspondem a deidades masculinas e 34% femininas. Cf. Aguilar-Moreno (2006).

refletindo os valores hierárquicos do reino terreno. O universo era dividido entre o plano celestial, terrestre e o submundo. O plano celestial era composto por 13 níveis diferentes (Aguilar-Moreno, 2006).

Conforme o Códice Vaticano, os 13 níveis, ou céus, apresentados de cima para baixo, eram a morada de *Ometeotl*¹⁶: “o céu de gelo, e relâmpagos, o céu azul-esverdeado do vento, o céu negro da poeira, o céu das estrelas de fogo e fumaça (estrelas planetas e cometas)” (Aguilar-Moreno, 2006, p. 138, tradução nossa)¹⁷.

Sobre a criação do plano terrestre, há algumas versões sobre esses mitos, mas este artigo trabalhará a história mais conhecida: a batalha entre os *Tezcatlipocas*. Conforme conta os mitos, de *Ometeotl* nasceram os quatro *Tezcatlipocas*¹⁸, identificados conforme cada ponto cardinal.

Aguilar-Moreno (2006) explica que dentre esses quatro deuses, havia o *Tezcatlipoca* Preto, conhecido como o “Espelho Fumegante”, ele era o mais venerado e temido. Além dele, existia outro *Tezcatlipoca*, chamado *Quetzalcoatl*, associado ao branco e, por conseguinte, um rival. Enquanto o primeiro representava o mal e a catástrofe; o segundo representava a benevolência ou o bem do mundo. Entretanto, essas categorias não devem ser compreendidas como um dualismo moral, mas como forças complementares, partes opostas que formam um todo na cosmogonia asteca.

Dessa rivalidade criou-se uma batalha cósmica que resultou tanto no fim quanto no início dos mundos. Dessa forma, a terra e o universo foram criados a

16 *Ometeotl* é a divindade da dualidade na mitologia asteca, ou Senhor da Dualidade. Sua característica dual refere-se ao masculino e ao feminino, isto é, nele se encontram reunidas qualidades masculinas e femininas.

17 “the red sky, the yellow sky, the White sky, the sky of ice and rays, the blue-green sky of the wind, the black sky of the dust, the sky of stars of fire and smoke (stars, planets, and comets).”

18 Na mitologia asteca, os *Tezcatlipocas* são quatro divindades centrais na mitologia asteca, associadas aos pontos cardeais. Destacam-se *Tezcatlipoca* e *Quetzalcóatl*, cujo conflito exemplificam os ciclos de criação e destruição do mundo.





partir desse conflito que simboliza o caos e a ordem (Aguilar-Moreno, 2006). Repetindo esse mito, os astecas conseguiam explicar a existência das coisas boas e más no universo. Embora, de maneira geral, o caos e a ordem não fossem entendidos como duas realidades distintas, mas uma realidade única (Townsend, 2024).

A compreensão da criação do mundo como resultado de um sacrifício divino não se encerra numa perspectiva narrativa, mas fundamenta diretamente a ética religiosa dos antigos mexicanos. Se o cosmos existe porque os deuses sofreram, então a continuidade da ordem cósmica depende da repetição ritual desse sacrifício por parte dos homens. Nesse sentido, mito e ética dialogam, formando uma cosmovisão de preservação do mundo.

O SACRÍFICIO DOS DEUSES: A ÉTICA DO SACRÍFICIO NOS ASTECAS

Para os astecas, o divino estava por todos os cantos. Por isso, o politeísmo asteca não era fixo como a maioria das religiões politeístas, que atribuíam a cada divindade um atributo moral ou natural específico. Na religiosidade dos antigos mexicanos, ainda que a divindade tivesse sua função, nada impedia que essa divindade recebesse títulos de honra dados a outras divindades (Townsend, 2024).

Em resumo, a escolha do culto a um determinado deus estava mais associada ao perfil da comunidade ou aldeia. Nesse contexto, os astecas preservaram a estrutura tribal de povos conquistados, ou seja, segundo a visão asteca, cada divindade tinha uma finalidade de representar os valores e espíritos defendidos por certos grupos (Townsend, 2024).

A cosmovisão asteca é considerada por alguns como pessimista, ou apocalíptica, visto que, segundo os antigos mexicanos, este mundo estava em

iminência da destruição (Brundage, 1979). Diferente de outros mitos, os contos astecas não enfatizam a criação do universo, mas a luta pela sua preservação.

Brundage (1979) explica que, segundo a mitologia asteca, este universo é uma espécie de quinta criação, ou seja, antes deste mundo existir, existiram outros universos que foram criados e destruídos. Camilla Townsend (2024, p. 39) cita um texto de fontes astecas para afirmar que a criação do mundo partiu de uma reunião entre os deuses: “Quando tudo ainda estava na escuridão, quando nenhum sol havia brilhado e nenhum amanhecer havia surgido – diz-se -, os deuses se reuniram e se aconselharam entre si em *Teotihuacán*”.

O mito asteca relata um drama cósmico, no qual os deuses lutaram de todas as formas para encontrar uma solução. A história destaca o papel do deus *Nanauatzin*, uma divindade retratada como simples, sem grandes poderes, associada aos fermentos, mas de enorme coragem (Taube, 1995). *Nanauatzin* aparece em várias versões de contos astecas, sempre relacionado aos homens, como uma divindade que auxilia a humanidade no seu processo de crescimento (Taube, 1995).

O mito do quinto sol é essencial para compreender a cosmovisão e a ética asteca. Em suma, os deuses precisavam de alguém para sustentar o quinto sol, depois do fim dos quatro mundos anteriores¹⁹. Segundo Brundage (1979) o núcleo do mito conta que dois deuses foram escolhidos para a missão: o primeiro era *Tecuciztécatl* e o segundo, *Nanauatzin*.

O mito ecoa a jornada do herói, pois *Tecuciztécatl* se oferece como sacrifício para sustentar o sol, enquanto *Nanauatzin* é escolhido pelos deuses como uma segunda opção, já que nenhuma outra divindade tinha se oferecido além de

¹⁹ Os mitos astecas relatam que os mundos anteriores foram destruídos por catástrofes naturais. Não se trata de uma destruição atribuída a seres espirituais malignos, mas à própria natureza, demonstrando que as criações anteriores não eram capazes de resistir às catástrofes. Em certo sentido, essa narrativa refletia a mentalidade dos astecas, que conviviam com catástrofes naturais em seu cotidiano.



Tecuciztécatl. Nos preparativos, *Nanauatzin* é vestido por uma coroa de papel, enquanto *Tecuciztécatl* recebe um cocar de penas de garça (Townsend, 2024).

Em resumo, *Tecuciztécatl* não consegue cumprir a sua missão, ele não aguenta a força do sol, já que o vencedor do desafio seria aquele que sustentasse o sol em seu interior. *Nanauatzin*, por outro lado, não escolheu essa missão, mas acredita na decisão dos deuses. Camilla Townsend (2024, p. 40) relata que o herói do mito é tomado por uma coragem e tornou-se determinado a cumprir o que lhe foi ofertado: “Ele fez o coração endurecer e fechou os olhos com firmeza. Não se assustou. Ele não desistiu, não vacilou, não voltou atrás”.

Depois de chegar ao sol, suportar as suas chamas e sustentá-lo, *Nanauatzin* é elevado como a divindade que personifica a própria coragem e ilumina toda a terra por meio da sua luz. Enquanto, *Tecuciztécatl*, que não conseguiu cumprir a sua missão, tornou-se a lua, brilhante, mas não como o sol (Brundage, 1979).

Após esforços e sacrifícios, este universo foi criado e o sol sustentado, mas não de maneira definitiva (Brundage, 1979). O objetivo do mito era apresentar o heroísmo como sacrifício, destacando os deuses como protagonistas dessa missão, ou seja, da mesma forma como os deuses fizeram, o povo deveria reproduzir, tornando-se gratos e participantes por esse sacrifício (Aguilar-Moreno, 2006).

A missão do homem asteca era garantir que o sol e a ordem do cosmos permanecessem. Dessa manutenção da ordem, nasceu a ideia de “sacrifício”. Antes de qualquer coisa, deve-se ressaltar que o conceito de sacrifício deve ser compreendido no interior do imaginário mesoamericano.

Segundo Aguilar-Moreno (2006), para os astecas, o sacrifício não era entendido como algo melancólico, embora fosse dramático. Era uma maneira de





apaziguar e, ao mesmo tempo, glorificar seus deuses, por isso deveria ser feito dentro de um contexto específico e exclusivamente ritualístico.

O sacrifício era considerado tão importante que os sacrificados eram consagrados e recebiam a promessa de uma vida próspera e digna no outro mundo, mesmo que o sacrificado fosse um inimigo da comunidade (Aguilar-Moreno, 2006).

De maneira geral, para compreender essa relação complexa do sacrifício, é preciso reconhecer que na cosmologia asteca a relação entre homens e deuses era sinérgica. Da mesma forma como os deuses se sacrificaram, o povo deveria se sacrificar, apresentando oferendas.

Segundo os pesquisadores León-Portilla (2017) e Aguilar-Moreno (2006), o sacrifício tinha três funções: i) representar a morte dos deuses; ii) relembrar o sacrifício dos deuses; iii) participar da morte dos deuses. Ou seja, conforme esse pensamento, os sacrifícios humanos refletiam no mundo dos deuses, que estavam conectados ao mundo dos homens.

No momento ritualístico, essa conexão era tão profunda que até práticas de canibalismo eram aceitas em alguns eventos específicos, como forma de comungar da carne dos deuses, ali representada pelo sacrificado.

Aguilar-Moreno (2006) relembra que os astecas não tiveram dificuldade de entender a mensagem cristã no tocante ao sacrifício de Cristo, nem a doutrina da Eucaristia propagada pelo catolicismo romano. Segundo o pesquisador, a ideia do Cristo crucificado ensanguentado dialogava com a cosmovisão dos mesoamericanos, porém, não agradava os missionários cristãos que evitavam associar essa questão ao universo asteca.

Em síntese, a discordância entre cristãos e astecas em relação ao conceito de sacrifício resumia a sua finalidade. Na doutrina cristã, o sacrifício está

associado à salvação dos homens; enquanto na visão asteca, o sacrifício era associado ao princípio da ordem ou preservação da existência.

Essa visão singular do povo asteca implicava em questões éticas profundas. De maneira geral, conforme Camilla Townsend (2024) lembra, o divino estava em todo lugar, tanto personificado na figura dos deuses quanto na própria energia, ou força vital, que rege o mundo. Ou seja, como registra-se em diversas religiões politeístas, a religião asteca possuía características politeístas, afirmando que mesmo nas aparentes dualidades havia unidade (Maffie, 2014).

Nesse sentido, a metafísica dos antigos mexicanos afirmava que, acima de tudo, existe uma unidade, divina por si mesma. Alguns textos chamam essa energia de *Teotl* (Maffie, 2014). Ele é representado como algo imanente, uma força que produz constantes transformações e mudanças em tudo que existe, sendo a própria potência do mundo.

Essa presença do divino, personificada nos deuses ou não, criava uma sensação de temor e reverência, mas também vulnerabilidade (Townsend, 2024). A comunicação com os deuses não era apenas uma forma de relacionamento, mas também uma forma de contenção de danos, pois compreender a vontade dos deuses era uma forma de mitigar o sentimento de “desamparo”.

Diante dessa realidade, a visão asteca foi definida algumas vezes como “fatalista”, já que levava em consideração o nascimento de cada pessoa para determinar o seu destino. Segundo León-Portilla (2017), a prática astrológica era essencial, sendo considerada um meio para entender a vontade divina na vida de cada pessoa e, algumas vezes, o caminho para atenuar algum destino possivelmente trágico.

Entretanto, conforme pontua o próprio León-Portilla (2017), o pensamento asteca não pode ser considerado fatalista em sentido absoluto. Em resumo,



153



pode-se dizer que o nascimento de uma pessoa condicionava a certa tendência, mas era possível atenuá-la ou, algumas vezes, até mudá-la de forma definitiva.

Utilizando uma parábola, imagine que uma pessoa seja condicionada a caminhar em direção ao precipício, os rituais seriam a forma de dificultar essa caminhada, enquanto a educação seriam as placas que indicariam outros caminhos para longe do abismo.

León-Portilla (2017) também afirma que a questão sobre a liberdade do homem e o determinismo divino era um assunto igualmente sensível aos astecas, já que, em suas músicas e ritos, relembavam a autoridade e o protagonismo dos deuses nas ações humanas; mas, por outro lado, não esqueciam da responsabilidade humana. Assim, esse tema tornava-se uma questão propriamente filosófica no interior de seus sistemas de crenças e ideias.

Assim, a ética asteca não deve ser compreendida como fatalista, nem reduzida à prática ritual, mas como consequência direta da relação entre homens e deuses, fruto de uma metafísica imanentista que afirma a responsabilidade de ambos pela preservação da ordem do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar como os conflitos filosóficos entre o politeísmo e o monoteísmo são fatores determinantes para esclarecer ou dificultar a interpretação de mitos sagrados de povos antigos, especialmente no contexto da colonização.

Inegavelmente, sob qualquer ótica, e, de modo particular, sob a ótica cristã, a colonização deve ser condenada, sobretudo quando recordamos a desumanização de povos indígenas. Apesar das contradições históricas,



consolidou-se progressivamente no interior do cristianismo, a defesa de que os indígenas também eram criaturas feitas por Deus e alvos da mensagem cristã.

Nesse contexto, torna-se imperativo distinguir o conceito de evangelização e coerção colonial, visto que a mensagem cristã possui um caráter universal e não pode ser julgada somente pelas distorções praticadas por sujeitos históricos.

Por outro lado, sob a perspectiva da religiosidade asteca, impõe-se o desafio de compreender como os antigos mexicanos interpretavam sua realidade. Na mitologia asteca, os deuses criaram o mundo por meio do sofrimento ou derramamento de sangue. Por isso, a repetição ritual do sacrifício não era apresentada como barbárie ou sadismo, mas como expressão religiosa de um povo que acreditava na iminência da destruição de sua realidade e buscava preservar a ordem do cosmos.

Em suma, a espiritualidade asteca reproduzia um drama cósmico no qual o homem estava inserido. Por um lado, havia a percepção de que tudo acontecia conforme a vontade dos deuses; por outro, havia um sentimento de completo desamparo e busca para mitigar os caprichos divinos.

Contudo, essa conexão entre homens e deuses não era interpretada como realidades diferentes, mas dimensões de uma única realidade. Assim, enquanto no monoteísmo o divino é uma essência transcendente; na mitologia asteca o divino é uma energia que permeia a vida de todos os homens, ao ponto dos homens e deuses viverem de maneira sinérgica.

A grande tragédia para os astecas e, também, para o pensamento ocidental, é que a destruição dos antigos mexicanos não se deu por causa dos deuses astecas. Não houve nenhuma catástrofe natural, a tragédia se deu pelo próprio contato com o homem europeu que trazia consigo a mensagem do Deus único e Senhor de todas as coisas.

Não há como retornar ao período do primeiro contato entre os espanhóis e astecas; contudo, a história pode ser analisada com rigor e honestidade, visando reparações e correções históricas. O diálogo inter-religioso permite o reconhecimento e a existência desses povos antes da chegada do cristianismo, resgatando suas memórias com respeito e dignidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi; revisão de Moacyr Novaes Filho, Luciane Gomide Varela e Fernando Nuno. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2017.

AGUILAR-MORENO, Manuel. **Handbook to life in the Aztec world**. Foreword by John M. D. Pohl. New York: Facts On File, 2006.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 13. ed. Tradução de Raimundo Vier. São Paulo: Vozes, 2012.

BOULHOSA, Tatiana Machado. **Politeísmo**. São Paulo: Lafonte, 2021.

BRANCO, Daniel. **El globalismo y la restauración del cosmos**. Traducción de Ángel Fernández. Fortaleza: Editora Hipérbola Janus, 2023.

BRUNDAGE, Burr Cartwright. **The fifth sun**. Austin: University of Texas Press, 1979.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

FERREIRA NETO, Edgar Leite. **Judaísmo**. São Paulo: Lafonte, 2021.

FILHO, Mário (Ahmad Abdul Haqq). **Islamismo**. São Paulo: Lafonte, 2021.

KOEHLER, Edward W. A. **Sumário da doutrina cristã**. Tradução de Arnaldo Schuler. 5. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2015.

KRISTELLER, Paul Oskar. **The classics and Renaissance thought**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.



156

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **La filosofía náhuatl estudiada en sus fuentes**. Prólogo de Ángel María Garibay K. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017.

MAFFIE, James. **Aztec philosophy: understanding a world in motion**. Boulder: University Press of Colorado, 2014.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

PAPER, Jordan D. **The deities are many: a polytheistic theology**. Albany: State University of New York Press, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de Estudo da Reforma: Almeida Revista e Atualizada**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização asteca**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

TAUBE, Karl. **Aztec and Maya myths**. 2nd impression. London: British Museum Press, 1995.

TOWNSEND, Camilla. **Os mitos astecas: um guia para as suas histórias e lendas**. Tradução de Bruno Gambarotto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

USARSKI, Frank. **Hinduísmo**. São Paulo: Lafonte, 2021.

YORK, Michael. **Pagan theology: paganism as a world religion**. New York: New York University Press, 2003.



157